

**ROMANTISMO X REALISMO/NATURALISMO:
A TEMÁTICA DO AMOR E A RELAÇÃO ENTRE OS AMANTES**

Nas questões abaixo, você lerá dois fragmentos de romance de épocas literárias diferentes. Antes, porém, traçaremos, num quadro sinóptico, as características das estéticas literárias que foram trabalhadas nesta unidade: Romantismo e Realismo/Naturalismo.

ROMANTISMO (visão idealizada do homem)	REALISMO (visão biológica do homem)	NATURALISMO (visão patológica do homem)
Subjetivismo.	Objetivismo.	Objetivismo científico.
Descrições e adjetivações bem idealizadas, voltadas a elevar idealisticamente o objeto descrito.	Descrições e adjetivação objetivas, voltadas a captar a realidade como ela é.	Descrições e adjetivação voltadas a captar as patologias sociais, com ênfase nos aspectos grotescos e repulsivos da vida.
Mulher idealizada, angelical, pura e perfeita.	Mulher real, com defeitos e qualidades.	Mulher real, com defeitos e qualidades; sensual.
Amor puro, sublime, acima de qualquer interesse.	Amor e demais sentimentos subordinados aos interesses sociais; amor carnal.	Amor e demais sentimentos subordinados aos interesses sociais; amor carnal.
Casamento com a finalidade de relacionamento amoroso.	Casamento como instituição falida; contrato de interesses e conveniências.	Casamento como instituição falida; contrato de interesses e conveniências; despreocupação com a moral.
Herói íntegro, de caráter nobre e irrepreensível.	Herói problemático, com fraquezas, manias e incertezas.	Herói problemático, com fraquezas, manias e incertezas; exploração do homem pelo homem; animalesco e sensual.
Personagens com pensamentos e ações previsíveis.	Personagens trabalhadas psicologicamente; são tipos concretos e vivos; hipócritas, mentirosos e cínicos.	Personagens trabalhadas patologicamente; são tipos concretos e vivos; grotescos e doentios.
Individualismo, culto do eu.	Universalismo.	Universalismo. Determinismo.
Narrativa de aventura e de ação.	Narrativa lenta, em tempo cronológico; preocupação com minúcias.	Narrativa lenta, em tempo cronológico; preocupação com a ação, com minúcias.

ROMANCE 1: SENHORA – Capítulo IX

Tornemos à câmara nupcial, onde se representa a primeira cena do drama original, de que apenas conhecemos o prólogo.

Os dois atores ainda conservam a mesma posição em que os deixamos. Fernando Seixas, obedecendo automaticamente Aurélia, sentara-se e fitava a moça com um olhar estupefato. A moça arrastou a cadeira e colocou-se em face do marido, cujas faces crestava o seu hálito abrasado.

– Não careço dizer-lhe que amor foi o meu, e que adoração lhe votou minha alma desde o primeiro momento em que o encontrei. Sabe o senhor, e se o ignora, sua presença aqui nesta ocasião já lhe revelou. Para que uma mulher sacrifique assim todo seu futuro, como eu fiz, é preciso que a existência se tornasse para ela um deserto, onde não resta senão o cadáver do homem que a assolou para sempre.

Aurélia calçou a mão sobre o seio para comprimir a emoção que a ia dominando.

– O senhor não retribuiu meu amor e nem o compreendeu. Supôs que eu lhe dava apenas a preferência entre outros namorados, e o escolhia para herói de meus romances, até aparecer algum casamento, que o senhor, moço, honesto, estimaria para colher à sombra o fruto de suas flores poéticas. [...]

Seixas abaixou a cabeça.

– Conheci que não amava-me, como eu desejava e merecia ser amada. Mas não era sua a culpa e só minha que não soube inspirar-lhe a paixão que eu sentia. Mais tarde, o senhor retirou-me essa mesma afeição com que me consolava e transportou-a para outra, em quem não podia encontrar o que eu lhe dera, um coração virgem e cheio de paixão com que o adorava. Entretanto, ainda tive forças para perdoar-lhe e amá-lo.

A moça agitou então a fronte com uma vibração altiva:

– Mas o senhor não me abandonou pelo amor de Adelaide e sim pelo seu dote, um mesquinho dote de trinta mil cruzeiros! Eis o que não tinha o direito de fazer, e que jamais lhe podia perdoar! Desprezasse-me embora, mas não descesse da altura em que o havia colocado dentro de minha alma. Eu tinha um ídolo; o senhor abateu-o de seu pedestal, e atirou-o no pó. Essa degradação do homem a quem eu adorava, eis o seu crime; **a sociedade não tem leis para puni-lo**, mas há um remorso para ele. Não se assassina assim um coração que Deus criou para amar, incutindo-lhe a descrença e o ódio.

Seixas, que tinha curvado a fronte, ergueu-a de novo, e fitou os olhos na moça. Conservava ainda as feições contraídas e gotas de suor borbulhavam na raiz dos seus belos cabelos negros.

– A riqueza que Deus me concedeu chegou já tarde; nem ao menos permitiu-me o prazer da ilusão, que têm as mulheres enganadas. Quando a recebi, já conhecia o mundo e suas misérias; já sabia que a moça rica é um arranjo e não uma esposa; pois bem, disse eu, essa riqueza servirá para dar-me a única satisfação que ainda posso ter nesse mundo. Mostrar a esse homem que não soube me compreender, que mulher o amava, e que alma perdeu. Entretanto ainda eu aflagava uma esperança. Se ele recusa nobremente a proposta aviltante, eu irei lançar-me a seus pés. Suplicar-lhe-ei que aceite a minha riqueza, que a dissipe se quiser; consinta-me que eu o ame. Esta última consolação, o senhor a arrebatou.

Que me restava? Outrora atava-se o cadáver ao homicida, para expiação da culpa; o senhor matou-me o coração; era justo que o prendesse ao despojo de sua vítima. Mas não desespere, o suplício não pode ser longo: este constante martírio a que estamos condenados acabará por extinguir-me o último alento; o senhor ficará livre e rico.

Proferidas as últimas palavras com um acento indefinível de irrisão, a moça tirou o papel que trazia passado à cinta, e abriu-o diante dos olhos de Seixas. Era um cheque de oitenta mil cruzeiros sobre o Banco do Brasil.

– É tempo de concluir o mercado. Dos cem mil cruzeiros, em que o senhor avaliou-se, já recebeu vinte mil; aqui tem os oitenta mil que lhe faltavam. Estamos quites, e posso chamá-lo meu; meu marido, pois é este o nome de convenção.

[...] Seixas permaneceu imóvel como uma estátua; apenas duas plicas profundas sulcaram-lhe as faces desde o canto dos olhos até a comissura dos lábios. Afinal o papel escapou-lhe dos dedos trêmulos da moça e caiu sobre o tapete aos pés de Fernando.

Seguiu-se um momento de silêncio ou, antes, de estupor. [...]

Aurélia soltou dos lábios um estrídulo, antes do que um sorriso.

– Agora podemos continuar nossa comédia, para divertir-nos. É melhor do que estarmos aqui mudos em face um do outro. Tome a sua posição, meu marido; ajoelhe-se aqui a meus pés, e venha dar-me seu primeiro beijo de amor... Porque o senhor ama-me, não é verdade, e nunca amou outra mulher senão a mim?...

Seixas ergueu-se; a sua voz afinal desprende-se dos lábios com calma, porém fremente:

– Não; não a amo.

– Ah!

– É verdade que a amei; mas a senhora acaba de esmagar a seus pés esse amor; aí fica ele para sempre sepultado na abjeção a que o arremessou. Eu só a amaria agora, se a quisesse insultar; pois que maior afronta pode fazer uma senhora, um miserável, do que marcando-a com o estigma de sua paixão. Mas fique

tranquila; ainda quando me dominasse a cólera, que não sinto, há uma vingança que não teria forças para exercer; é essa de amá-la.

Aurélia ergueu-se impetuosamente.

– Então enganei-me? Exclamou a moça com estranho arrebatamento. O senhor ama-me sinceramente e não se casou comigo por interesse?

Seixas demorou um instante a olhar no semblante da moça, que estava suspensa de seus lábios, para beber-lhe as palavras:

- Não, senhora, não enganou-se, disse afinal com o mesmo tom frio e inflexível. Vendi-me; pertencço-lhe. A senhora teve o mau gosto de comprar um marido aviltado; aqui o tem como o desejou. Podia ter feito de um caráter, talvez gasto pela educação, um homem de bem que se enobrecesse com sua afeição; preferiu um escravo branco; estava em seu direito, pagava com seu dinheiro, e pagava generosamente. Esse escravo aqui o tem; é seu marido, porém nada mais do que seu marido!

[...]

(ALENCAR, José de. *Senhora*. Disponível em: <http://www.elivros-gratis.net/livros-gratis-jose-de-alencar.asp>).

QUESTÕES SOBRE *SENHORA*:

1. Aurélia acusa Fernando de cometer um “crime” e lhe diz: “a sociedade não tem leis para puni-lo”. Qual foi o crime cometido por Fernando e por que a sociedade não lhe pune?
2. Em *Senhora*, temos uma crítica social denunciando a comercialização do amor e do casamento nas classes altas. Indique uma passagem do texto que confirma a assertiva. Justifique sua resposta.
3. Que visão tipicamente romântica caracteriza a percepção que Aurélia tem do amor?

ROMANCE 2: O CORTIÇO

[...] Jerônimo levantou-se, quase que maquinalmente, e seguido por Piedade, aproximou-se da grande roda que se formara em torno dos dois mulatos. [...]

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. [...]

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobreva, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra titilando. [...]

O chorado arrastava-os a todos [...]. Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meigasuplicante.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que se esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os

desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas¹ que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.

Isto era o que Jerônimo sentia, mas que o tonto não podia conceber. De todas as impressões daquele resto de domingo só lhe ficou no espírito o entorpecimento de uma desconhecida embriaguez, não de vinho, mas de mel chuchurreado² no cálice de flores americanas. [...]

[...]

Só deu por si, quando já pela madrugada, se calaram de todo os instrumentos e cada um dos folgadores se recolheu a casa.

E viu a Rita levada para o quarto pelo seu homem, que a arrastava pela cintura.

¹ insetos de coloração verde-dourada com reflexos avermelhados.

² ruidoso e demorado.

(AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 26. ed. São Paulo: Ática, 1994. p. 72-73.)

QUESTÕES SOBRE O CORTIÇO:

1. Em que parágrafo o narrador mostra a sensualidade de Rita Baiana?
2. Considerando o fragmento lido, qual patologia (psicológica ou social) é representada? Justifique.
3. Comente a sensualidade intensa de Rita Baiana.

QUESTÕES DE ANÁLISE COMPARATIVA:

1. Compare a temática amorosa desenvolvida na estética romântica com a da estética naturalista.
2. (Unifor - CE) Quando se compara o modo de apresentação de uma personagem feminina que protagoniza um romance romântico com o de uma personagem feminina que protagoniza um romance naturalista, nota-se logo a oposição entre, respectivamente:
 - a) uma condição idealizada e uma condição rudemente materializada.
 - b) uma linguagem descritiva e uma linguagem narrativa.
 - c) a ênfase no discurso direto e a ênfase no discurso indireto.
 - d) uma condição rudemente materializada e uma condição idealizada.
 - e) a ênfase no discurso indireto e a ênfase no discurso direto.
3. (UFMG – MG) No romance *Senhora*, ocorrem choques entre “duas almas, que uma fatalidade prendera, para arrojá-las uma contra a outra [...]”.

Assinale a alternativa em que o par de ideias conflitantes **não** se entrelaça, na narrativa, aos choques entre Aurélia e Seixas.

 - a) amor idealizado X casamento por interesse
 - b) condição modesta de vida X ostentação de riqueza
 - c) contemplação religiosa X divertimento mundano
 - d) qualidades morais elevadas X comportamentos aviltantes

4. (Unifesp-2007) Leia o trecho de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e responda aos itens A e B.

Jerônimo bebeu um bom trago de parati, mudou de roupa e deitou-se na cama de Rita.

— Vem pra cá... disse, um pouco rouco.

— Espera! Espera! O café está quase pronto!

E ela só foi ter com ele, levando-lhe a chávena fumegante da perfumosa bebida que tinha sido a mensageira dos seus amores.

[...]

Depois, atirou fora a saia e, só de camisa, lançou-se contra o seu amado, num frenesi de desejo doído. Jerônimo, ao senti-la inteira nos seus braços; ao sentir na sua pele a carne quente daquela brasileira; ao sentir inundar-se o rosto e as espáduas, num eflúvio de baunilha e cumaru, a onda negra e fria da cabeleira da mulata; ao sentir esmagarem-se no seu largo e peludo colo de cavouqueiro os dois globos túmidos e macios, e nas suas coxas as coxas dela; sua alma derreteu-se, fervendo e borbulhando como um metal ao fogo, e saiu-lhe pela boca, pelos olhos, por todos os poros do corpo, escandescendo, em brasa, queimando-lhe as próprias carnes e arrancando-lhe gemidos surdos, soluços irreprimíveis, que lhe sacudiam os membros, fibra por fibra, numa agonia extrema, sobrenatural, uma agonia de anjos violentados por diabos, entre a vermelhidão cruenta das labaredas do inferno. [...]

A) Pode-se afirmar que o enlace amoroso entre Jerônimo e Rita, próprio à visão naturalista, consiste:

- a) na condenação do sexo e conseqüente reafirmação dos preceitos morais.
- b) na apresentação dos instintos contidos, sem exploração da plena sexualidade.
- c) na apresentação do amor idealizado e revestido de certo erotismo.
- d) na descrição do ser humano sob a ótica do erótico e animalesco.
- e) na concepção de sexo como prática humana nobre e sublime.

B) O enlace amoroso, seja na perspectiva de Rita, seja na de Jerônimo:

- a) é sublimado, o que lhe confere caráter grotesco na obra.
- b) é desejado com intensidade e lhes aguçá os ânimos.
- c) reproduz certo incômodo pelo tom de ritual que impõe.
- d) representa-lhes o pecado e a degradação como pessoa.
- e) é de sensualidade suave, pela não explicitação do ato.